

O HOMEM, A MULHER E O ESPAÇO NA GRÉCIA ANTIGA

Prof. Paulo Fernandes Louro – LHIA

Em geral, os estudiosos da sociedade da Grécia Antiga tendem a formular uma visão muito rígida a respeito das relações do homem e da mulher com o espaço. Desta forma, o homem frequentemente é associado ao espaço exterior e público e a mulher é associada ao espaço interior e privado (a mulher reclusa).

Em nossa opinião esta esquematização simplifica as complexas relações que existiam no interior da sociedade grega antiga, o que nos levou a repensar o assunto.

Começamos por apreciar a situação do elemento masculino na documentação da época clássica. Sem dúvida nenhuma os homens aí aparecem como elementos centrais para os quais convergem todas as referências na Hélade: enquanto cidadãos ocupam as magistraturas e os cargos públicos principais, seja como juízes, comandantes militares e arautos. Sua posição na política é proeminente, exercendo participação exclusiva nas Assembléias ou nos Conselhos e detendo absolutamente os destinos de toda a comunidade, independentemente do regime político vigente¹. Também os feitos notáveis e as posturas que conduzem à honra são creditados aos homens. Num discurso fúnebre proferido ao fim do primeiro ano da Guerra do Peloponeso, Péricles teria destacado os valores do homem ateniense nesta passagem: “Contemplai diariamente a grandeza de Atenas, apaixonai-vos por ela e, quando a sua glória vos houver inspirado, refleti em que tudo isto foi conquistado por homens de coragem cômicos de seu dever, impelidos na hora do combate por um forte sentimento de honra”². Da mesma forma, a participação nos jogos atléticos cabe aos homens, cujo sucesso é exaltado em grande glória na sua comunidade de origem³.

Por sua vez, a ascendência familiar é referida pelo lado masculino entre os gregos e, pelo que nos conta Heródoto, apenas os lícios seriam uma exceção⁴.

De acordo com Aristóteles, o homem deve saber administrar tanto a *pólis* quanto seus próprios bens⁵. No ambiente doméstico, o homem exerce o mando sobre sua esposa, filhos e sevidores. Em sua ausência a esposa assume o controle da casa, mas no dia a dia é ela quem dirige os trabalhos domésticos e cuida da família. No “Econômico” de Xenofonte, Iscômaco dialoga com Sócrates e faz a seguinte afirmação: “Nunca fico em casa, pois naquilo que diz respeito aos negócios caseiros tenho minha mulher que está perfeitamente habilitada a dirigi-los sozinha”⁶.

Para a ideologia oficial o homem está associado ao comando e ao espaço exterior, envolvido predominantemente nos assuntos de interesse público, embora não deva negligenciar seus interesses particulares. Numa passagem da “Política” Aristóteles afirma que “o macho é naturalmente mais apto para o comando do que a fêmea”⁷. Num trecho do “Econômico” de Pseudo-Aristóteles, o homem é colocado como elemento do “sexo forte”, viril, capaz de repelir o agressor e deve “trazer os bens de fora”, enquanto a mulher, como elemento do “sexo fraco”, deve estar sob sua guarda e velar “sobre o que está na casa”.⁸

Cabe-nos interrogar se as construções ideológicas expressas nos documentos textuais citados em relação aos comportamentos se reproduziam na prática a ponto de podermos associar o homem ao espaço exterior e a mulher ao espaço interior.

Inicialmente seria interessante salientar que a participação nas assembléias, a ocupação de cargos públicos, a execução do comando militar e político, a incorporação na guerra e mesmo a atuação no teatro como atores, eram atribuições dos homens, e quanto a isto a documentação não deixa dúvidas. São atividades que exigem a presença do homem, em especial do cidadão, em espaço exterior, isto é, fora de casa, às vezes até por longas jornadas como no caso de campanhas militares.

Além disto, havia o lazer, o gosto pelos debates no mercado e nas lojas, a ida ao ginásio para a execução de exercícios físicos onde havia todo um ambiente propício também para a troca de idéias. Assim, a vida cotidiana em espaço público e urbano seria sentida como desdobramento de atribuições cívicas e da própria concepção de lazer entre os gregos.

A partir desta limitada perspectiva poderíamos admitir que o espaço de circulação exterior à casa era utilizado ou por cidadãos, únicos agentes da sociedade portadores das atribuições cívicas, ou por homens ricos, os únicos que podiam dispor de tempo para o lazer em função de sua riqueza e desta forma freqüentar efetivamente os ambientes para este fim.

Por outro lado havia também o trabalho no setor produtivo. Algumas especulações acerca do trabalho nos conduzem a uma outra visão sobre a relação entre a sociedade e o espaço na Grécia clássica. Cabe-nos questionar uma tendência de generalização feita por historiadores modernos que associam o homem ao espaço externo/público e a mulher ao espaço interno/privado, reclusa na casa. Rstovtzeff, por exemplo, afirma que “os homens de Atenas não passavam muito tempo em casa” e acrescenta que “a democracia banira as mulheres da rua para a casa: agora, a cozinha, o quarto, as crianças e o gineceu, uma parte especial da casa reservada às mulheres e crianças, se haviam tornado seu ambiente”. R. Maisch e F. Pohlhammer, por sua vez, escrevem que “os atenienses quase não faziam vida em casa, que só consideravam como abrigo aonde passar a noite e como alojamento da mulher, dos filhos e escravos; pois, desde o amanhecer até o anoitecer, acudiam aos atos públicos do conselho, no mercado, ou teatro e nos tribunais”. Jardé considera que “a mulher permanecia confinada em seu domicílio recebendo visitas só de outras mulheres ou de parentes próximos, aparecendo em público apenas em dias de festas. Mas, enquanto o marido passava os dias fora do lar, ela é que era a verdadeira dona dentro da casa”.⁹

Ora, em nossa interpretação, a documentação textual, em sua grande parte, expressava os modelos de comportamento e atributos ideais da cidadã, o que não significa que estes modelos sempre fossem aplicados na prática. Este verdadeiro receituário do bom comportamento que coloca a mulher como perita na administração da casa, submissa ao marido e entregue à criação dos filhos pode ocultar o lado inconfessável da psicologia grega na época clássica. Vejamos, então, dois casos em que a mulher é atingida em seus atributos ideais, através de um texto cômico e de um discurso forense.

No final da comédia “Tesmofórias” o personagem chamado Eurípidés negocia a liberdade de seu parente com as mulheres que o tinham amarrado a um poste: “Se permitis que o leve, jamais direi nada mal de vocês |mulheres|; do contrário, revelarei a seus maridos, quando regressarem do exército, tudo o que secretamente fazeis em vossas casas”.¹⁰

Lisias, no discurso que escreve em defesa de Eufileto, refere-se ao adultério feminino. Seu cliente era acusado de assassinato premeditado ao eliminar o amante da esposa, cujo adultério surpreendera – talvez mesmo forjando-o – em sua própria casa.¹¹

Eurípides referia-se a adultério? Em que medida, afinal, isto poderia ocorrer? Mas não devemos exagerar os fatos. O certo é que havia oportunidades para as mulheres circularem em espaço público: durante as compras de vestidos ou calçados, quando eram acompanhadas por uma de suas escravas; em meio às celebrações e festividades cívicas ou mesmo na ida ao teatro para assistirem aos concursos em honra a Dionisos; havia também eventos em família que extrapolavam os ambientes domésticos e ganhavam as ruas, como casamento e funérial, ocasião esta, aliás, em que a esposa de Eufileto conheceu seu amante.¹² Além disto, a partir de Claude Bérard depreendemos que as mulheres atenienses, em geral conhecidas por sua reclusão nas categorias sociais mais abastadas, promoviam reuniões entre si e dispunham de uma razoável vida social no espaço doméstico, que incluía recitações, cantorias e músicas.¹³ Ora, isto implica em visitas e em circulação no espaço público.

Sem dúvida, existe uma tendência entre os historiadores modernos em apoiar-se na ideologia oficial expressa na documentação escrita sobretudo nas oras historiográficas e filosóficas, para generalizar a reclusão da mulher em Atenas no período clássico, como nos casos de Rostovtzeff, Maisch, Pohlhammer e Jardé, citados por nós anteriormente.

Mas como diz M. Finley, “a maioria dos atenienses, como a maioria dos gregos, tinha um baixo padrão de vida e trabalhava para viver”.¹⁴ Decorre daí que a inserção de homens e mulheres em variadas atividades no setor produtivo expressava complexas relações com o espaço onde estas atividades se desenvolviam, não havendo mesmo na Grécia antiga tarefas específicas para pessoas livres ou escravizadas, embora “as minas fossem quase um monopólio dos escravos e os serviços domésticos de escravos e ex-escravos”.¹⁵

Portanto, com a economia da época clássica haviam surgido numerosas atividades e outras foram cada vez mais estimuladas até pelo menos o impacto da Guerra do Peloponeso. A agricultura continuou a ser vista pela ideologia dominante como a mais prestigiosa fonte de recurso e a atividade modelo por excelência, em contraste com a atividade artesanal “que, ao obrigar os operários a uma vida caseira, sentados à sombra da oficina ou ao dia inteiro junto ao fogo, torna as almas mais frouxa”.¹⁶

Mas as atividades econômicas seguiam seu curso. Em Atenas havia pequenos artesãos independentes trabalhando em suas oficinas com familiares e poucos escravos, sobrevivendo graças à venda de seus produtos por si mesmos. Na comédia “Tesmofórias”, Aristófanes faz repre-

sentar uma mulher que sobrevivia ao vender no mercado as coroas que ela mesma confeccionava.¹⁷ Isto significa que as mulheres, premidas pela necessidade da subsistência, eram levadas a sair de casa, lançando-se às ruas ou freqüentando o mercado para vender seus artigos, e na falta de escravos ou criados, captando água nas fontes públicas.

Por outro lado os homens (cidadãos, metecos ou escravos), inseridos nas atividades produtivas e dependendo de suas profissões, podiam permanecer no interior das casas, como disse Xenofonte, -“sentados à sombra”, onde trabalhavam nas oficinas e lojas. A economia suscitava uma demanda capaz de ocupar salsicheiros, sapateiros, ferreiros, perfumistas, tanto na condição de pequenos artesãos, como numa escala mais ampla, incluindo sobretudo as atividades do setor têxtil, metalúrgico, cerâmico e do couro.¹⁸

Se na psicologia oficial do período clássico existe um direcionamento na relação entre homem e espaço externo/público e entre mulher e espaço interno/privado, esta psicologia está sustentada pela noção de cidadania e de *status* que permite o lazer. Realmente a presença de mulheres na Pnix, por ocasião das Assembléias ou no Bouleuterion, não reuniões do Conselho, é interdita, como também o é para metecos e escravos. Quanto ao lazer em espaço público, a mulher assiste ao teatro, mas seu acesso ao ginásio para praticar exercícios é inconcebível na ideologia grega. Nestes ambientes freqüentados por homens abastados funcionava a censura própria dos setores dominantes da sociedade que procuram fazer da *pólis* um “clube de homens” e sobretudo um “clube de cidadãos”.¹⁹ Mas, se observarmos a situação do homem e da mulher na atividade produtiva seremos levados a reconhecer que os limites de circulação e permanência nos espaços públicos e privados, externos e internos, são flexíveis e não estão vinculados exclusivamente a uma divisão sexual.

Quanto à utilização do espaço interio/privado pelo homem, isto é, sua presença e circulação em casa, não devem ser associadas apenas ao trabalho artesanal realizado na oficina com sua família e escravos. Em sua casa o homem de recursos disponíveis recebe convidados em banquetes, que têm lugar num ambiente específico da casa chamado *ândron*, na companhia de musicistas e dançarinas profissionais; acolhe hóspedes, participa de celebrações fúnebres, nascimentos e casamentos. No diálogo intitulado “Protágoras”, de Platão, os homens circulam pelo interior da casa da Cália, inclusive no pátio, trocando idéias e debatendo temas filosóficos.²⁰ Também articulações políticas podiam ser efetuadas requentemente no ambiente doméstico, como afirma Tucídides, por oca-

sião do golpe oligárquico em Atenas, de 411 a.C.²¹ Além disto a ambientação psicológica promovida no espaço doméstico podia tomar possível o encontro do homem com seu próprio íntimo. Lísias refere-se a juízes que buscam no isolamento de suas casas a decisão mais adequada para punir um infrator.²²

Portanto, considerando estas ponderações, defendemos que os antigos gregos e em particular os atenienses construíram um modelo ideal de comportamento para o homem, sobretudo para o cidadão. Este modelo incorporava valores ligados à coragem, à obediência, às leis, à atenção ao equilíbrio e ao bom senso e à participação nos assuntos de interesse coletivo. A própria vida privada estava aparentemente relegada a um plano secundário. De acordo com estes valores, o elemento masculino passou a ser associado ao espaço aberto e público.

Por outro lado, a ideologia oficial reservou à mulher o papel de administradora da casa na ausência do esposo, cabendo-lhe também zelar pelas crianças e colocar-se como habilidosa artesã nas tarefas de fiação e tecelagem. Por estas razões, o elemento feminino era associado ao espaço interior e privado.

Mas o desenrolar da vida quotidiana não seguia rigorosamente os modelos ideais. Sem dúvida, os discursos forenses, as comédias e a iconografia dos vasos cerâmicos constituem-se como importantes documentos que contribuem para a revisão deste polêmico tema: as relações do homem e da mulher com o espaço na Grécia Antiga.

Notas

¹ Tanto nas democracias como nas oligarquias eram os homens que se mantinham à frente do poder decisório, havendo no segundo caso restrições à participação política segundo critérios de fortuna.

² TUCÍDIDES, *História da Guerra do Peloponeso*, II, 43. Por outro lado, Aristódamos, o único lacedemônio que havia regressado vivo da Batalha em Termópilas, era mal visto em Esparta. Ver em HERÓDOTO, *História*, IX, 71.

³ HERÓDOTO, *História*, V, 47 e 102; VI, 70 e 103, por exemplo.

⁴ Sobre a ascendência partrilinear, ver HERÓDOTO, *História*, VIII, 131; sobre os lícios pergunta ao seu vizinho quem é ele, o interrogado historia a sua genealogia do lado materno e menciona a ascendência feminina de sua mãe", in HERÓDOTO, *História*, I, 173.

⁵ ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, VI, 5, 5.

⁶ XENOFONTE, *Econômico*, VII, 3.

- ⁷ ARISTÓTELES, *Política*, 1259 b.
- ⁸ PSEUDO-ARISTÓTELES, *Econômico*, I, III, 4. Ver também ARISTÓTELES, *Política*, 1254 b, onde afirma a superioridade do homem sobre a mulher.
- ⁹ ROSTOVITZEFF, M. , p. 178 e 179; MAISCH, R. e POHLHAMMER, F. *Instituciones Griegas*, p. 155 e JARDÉ, A. *A Grécia Antiga e a Vida Grega*, p. 204.
- ¹⁰ ARISTÓFANES, *Tesmofórias*, V. 1165. As mulheres se dobram diante da ameaça, o que significa haver um fundo de verdade em suas palavras.
- ¹¹ LÍSIAS, I, 4.
- ¹² *Ibid*, I, 8.
- ¹³ BÉRARD, Claude. L'Ordre des Femmes, in *La Cité des Images*, p. 87.
- ¹⁴ FINLEY, M. *Economia e Sociedade na Grécia Antiga*, p. 96. Ver também nas páginas 112 e 113: "Grande parte da população grega sempre esteve na posição crítica da subsistência marginal. Trabalhavam duro para ganhar a vida e não podiam ter esperança de melhorar sua situação econômica como recompensa por seus esforços".
- ¹⁵ FINLEY, M. *A Economia Antiga*, p. 98.
- ¹⁶ XENOFONTE, *Econômico*, IV, 2.
- ¹⁷ ARISTÓFANES, *Tesmofórias*, V. 445.
- ¹⁸ No século IV o impacto da Guerra do Peloponeso e das dificuldades econômicas que cercaram Atenas atingiram principalmente as atividades da cerâmica, uma vez que a conjuntura de hostilidades que se seguiu entre *poleis* alimentou a produção de armamentos. Ao mesmo tempo, a concentração de riquezas em poucas mãos tendeu a estimular o luxo, com repercussão positiva para a produção têxtil. A atividade cerâmica, por seu turno, teria sido atungida também pelo desenvolvimento de indústria locais em outras regiões da Hélade. Para acompanhar o comportamento da economia grega e ateniense no século IV utilizamos MOSSÉ, C. , in *La Fin de la Democratie Athénienne*, especialmente o Capítulo I.
- ¹⁹ Expressões retiradas de VERNANT, J-P. e VIDAL-NAQUET, P., in *Trabalho e Escravidão na Grécia Antiga*, p. 127.
- ²⁰ PLATÃO, *Protágoras*, 314 e.
- ²¹ TUCÍDIDES, *História da Guerra do Peloponeso*, VIII, 92.
- ²² LÍSIAS, VI, 54 e 55. (Contra Andócides, por Impiedade).